

A TESE DUALISTA EM FILOSOFIA DA MENTE

Aluno: Pedro Henrique Passos Carné
Orientador: Oswaldo Chateaubriand Filho

A análise de um problema filosófico pressupõe a existência de um problema filosófico a ser analisado. O que tornaria um problema, porém, filosófico? Seria o método utilizado para efetuar sua análise ou seria algo intrínseco ao próprio problema, semelhante a uma *qualidade*, que o dotaria de tal aspecto? Estas questões inauguram uma série de discussões em Filosofia, as quais não receberão um tratamento detalhado, pois, com efeito, está-se pressupondo neste artigo a existência de problemas filosóficos.

As perguntas dirigidas a estes problemas, considerados filosóficos, remeterão, em um primeiro momento, à sua contextualização histórica, ou seja, ao contexto de surgimento de tal problemática, e, em um segundo momento, ao fato de tal problemática ainda receber atenção por parte da comunidade filosófica no século XX. A problemática à qual este artigo dirigirá tais questionamentos é a problemática que compõe a disciplina conhecida por Filosofia da Mente, em particular o *problema ontológico*, formulado, classicamente, como o *problema mente-corpo*, ou seja, o problema que almeja definir satisfatoriamente a relação entre estas noções basilares a tal disciplina filosófica, sejam elas a *mente* e o *corpo*.

À primeira questão confrontada a este problema, deste modo, responder-se-á com uma breve genealogia, ao passo que à segunda, responder-se-á com uma apresentação do sentido que tal problema manifesta para diversas pesquisas e empreendimentos de natureza filosófica e científica em tal século. Após apresentar tal justificativa do problema, e constituindo o núcleo da discussão aqui proposta, serão discutidos alguns aspectos da tese dualista em Filosofia Da Mente, a qual almejava responder o supracitado problema, tal como esta fora formulada no século XX por filósofos como John Searle, Thomas Nagel e Frank Jackson [1].

Uma genuína preocupação filosófica com o fenômeno mental surge na história da filosofia com a obra de René Descartes (1596-1650). Isto, porém, não significa que problemas relacionados à *mente* não haviam sido pensados na filosofia clássica desenvolvida na Grécia ou na filosofia desenvolvida pelos padres católicos ou pelos árabes durante o período medieval. Alguns teóricos, como, por exemplo, Brian Beakley e Peter Ludlow [2], oferecem aproximações entre textos clássicos e textos escritos por autores no século XX que procuram pensar satisfatoriamente os mesmos problemas. Outros autores, como John Haldane e Manuel Roldán, apresentam uma evolução no modo de tratamento dos problemas relacionados ao fenômeno mental que culmina com a obra cartesiana.

Pois bem, esta característica reclamada para a obra cartesiana, e que a difere das obras anteriores, pode ser enunciada como uma *ontologia do mental*. Descartes se detém minuciosa e sistematicamente sobre a *mente* afim de certificar-se de sua existência. Neste percurso, ele estabeleceu uma clara distinção entre a *mente* e o *corpo*. E é exatamente este argumento que o conectará com a filosofia desenvolvida no século XX que se volta sua atenção ao mesmo objeto, qual seja, a *mente*.

Considerada simbolicamente como a obra inaugural da disciplina “Filosofia da Mente”, a obra *The Concept of Mind* composta por Gilbert Ryle (1949) apresenta um arcabouço conceitual

de forte inspiração *behaviorista*. Esta linha teórica psicológica, cativa de forte influência do positivismo lógico, considera como objeto de suas pesquisas científicas somente aquilo que pode ser observável (e, por conseguinte, mensurável) nos atributos mentais: o comportamento. Por criticar de forma incisiva os argumentos cartesianos (Ryle, inclusive, intitula um de seus capítulos como “O mito de Descartes”), o *behaviorismo* acaba por não abarcar conceitualmente a interioridade do ser humano. Isso gera por consequência alguns problemas, como o clássico problema apresentado por Locke conhecido como o “problema do espectro invertido”, no qual ainda que dois seres apresentem comportamentos similares, eles podem possuir estados mentais diferentes. Na filosofia contemporânea esta estrutura argumentativa é retomada por David Chalmers e seu desenvolvimento do argumento dos zumbis.

Por esta ser uma disciplina historicamente recente, diversas teorias surgiram rapidamente ao longo do século. Por vezes, estas teorias estavam conjugadas com projetos científicos deveras ambiciosos (como é o caso da Inteligência Artificial). Dentre as diversas teorias que foram desenvolvidas, existe o desenvolvimento de um dualismo menos radical do que aquele desenvolvido por Descartes. Este dualismo pode ser entendido como um “dualismo de propriedades”, no caso de Frank Jackson, ou uma “teoria do aspecto dual”, no caso de Thomas Nagel. Qual o tipo de *ontologia do mental* tal dualismo almeja desenvolver é apenas uma das diversas questões que serão projetadas sobre tal teoria ao longo deste artigo.

Referências

[1] A discussão aqui proposta se centralizará nos seguintes artigos:

JACKSON, Frank “Epiphenomenal Qualia”. In: **The Philosophical Quarterly**, v. 32, p. 127-36, abr/1982.

_____ “What Mary Didn’t Know”. In: Block, N., Flanagan O. & Güzeldere, G. (eds.): **The Nature of Consciousness**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.

NAGEL, Thomas “Conceiving the Impossible and the Mind-Body Problem”. In: **Philosophy**, v. 73, n. 285, p. 337-352, jul/1998.

_____ “What Is It Like To Be A Bat?”. In: Block, N., Flanagan O. & Güzeldere, G. (eds.): **The Nature of Consciousness**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.

_____ **Visão a Partir de Lugar Nenhum**. Trad. Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SEARLE, John “Reductionism and the Irreducibility of Consciousness”. In: Block, N., Flanagan O. & Güzeldere, G. (eds.): **The Nature of Consciousness**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.

[2] BEAKLEY, B. & LUDLOW, P. **The philosophy of mind: classical problems, contemporary issues**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1992.